



PROSA

Dois Dedos de

Edição Especial

Nº 55 - Recife/PE - Outubro / 2008



Segurança alimentar é tema de seminário

“Agricultura agroflorestal: semeando segurança alimentar e cidadania no campo” é o título do seminário que motivou o debate e as experiências vivenciadas pelas famílias agricultoras durante todo o dia nove de julho, data em que se comemorou o aniversário de 15 anos do Centro Sabiá. Cerca de 300 pessoas entre agricultores e agricultoras, representantes dos governos municipal, estadual e federal, além de convidados, participaram das atividades, que aconteceram no prédio do CEGOE, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Recife. **Pág. 3**



Leia ainda:

Agrofloresta e segurança alimentar *Pág. 2 e 3*

Representantes da parceira Heifer participam de seminário *Pág. 4*

Antropóloga fala sobre segurança alimentar *Pág. 4*



Carrossel de experiências

Agricultoras e agricultores jovens e adultos mostraram suas práticas agroecológicas durante o seminário.



Encerramento do seminário foi com um forró na Sala de Reboco

Quilombolas e grupo de dança mostraram seus trabalhos

Nossa missão continua atual

Discutir a segurança alimentar e nutricional sob o olhar da agroecologia e a partir da agricultura agroflorestal praticada pelas famílias agricultoras. Esta foi a proposta do Centro Sabiá quando organizou o seminário "Agricultura Agroflorestal: semeando segurança alimentar e cidadania no campo", em comemoração aos seus 15 anos de existência. A atividade aconteceu dia 09 de julho e movimentou 300 pessoas, entre agricultores/as, parceiros/as, técnicos/as, sócios/as, convidados/as e representantes governamentais.

Famílias agricultoras vindas do Sertão, do Agreste e da Mata pernambucana mostraram os seus conhecimentos agrícolas e agroecológicos em palestra, carrossel de experiências e na feira de saberes e sabores. Foram muitos conhecimentos socializados e muitos aprendizados adquiridos. Pesquisadores/as contribuíram com os seus conhecimentos acadêmicos e beberam da fonte aonde nascem às experiências: nas práticas das famílias do meio rural.

No final do dia, uma constatação que vem sendo amadurecida ao longo da caminhada do Centro Sabiá: a agricultora agroflorestal promove segurança alimentar, produção de qualidade e geração de renda para as famílias do campo. Oferece, também, qualidade alimentar para as famílias da cidade. Uma constatação que aumenta ainda mais a nossa responsabilidade e compromisso com a luta campesina, com a construção de um mundo rural capaz de produzir dignidade e qualidade de vida para todos e todas. Sentimos então, que a nossa missão de plantar mais vida no campo é necessária e atual.

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. **Endereço:** Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE, CEP: 50050-080. **Fone/FAX:** (81) 3223.3323/7026. **E-mail:** sabia@centrosabia.org.br - **Sítio:** www.centrosabia.org.br - **Diretoria:** **Presidente:** Jones Severino Pereira; **Vice-presidente:** Domingos Sávio; **Secretária:** Sandra Rejane. **Conselho Fiscal:** Flávio Lyra, Rivaneide Almeida e Joana Santos. **Coordenação:** **Coordenador Geral:** José Aldo dos Santos; **Coordenadora Administrativa-Financeira:** Verônica Batista; **Coordenador Técnico-Pedagógico:** Alexandre Henrique Pires. **Equipe Técnica:** Adeildo Fernandes, Ana Cruz, Cláudia Valéria de Oliveira, César Garibaldi Alves, Gilberto Souza, Jailson Lopes da Penha, Jânio Amorim, Laudence Oliveira e Sandro José de Gusmão. **Equipe Administrativa:** Alexandro Honório Pereira, Denize Barbosa, Edneide Alves, Eliezer Ricardo da Silva, Giselle Henrique Rocha, Jacinta Silva, Janaina Ferraz, Pedro Eugênio da Silva e Vânia Luiza Silva. **Assessoria Técnica:** Carmo Fuchs, Maria Cristina Aureliano e Marcelino Lima. **Estagiárias:** Catarina de Angola (Comunicação); Luciana Batista e Paula Dantas (Contabilidade). **Redação:** Catarina de Angola, Laudence Oliveira e Nataly Queiroz. **Edição:** Laudence Oliveira (DRT/PE 2654) e Nataly Queiroz (DRT/PE 3673). **Apoio:** ICCO, Ministério do Meio Ambiente, Intermón/Oxfam, Heifer, TDH e Misereor. **Programação Visual:** Jorge Verdi. **Tiragem:** 2.000 exemplares. **Impressão:** Provisual.

Patrocínio:

Ministério do
Desenvolvimento Agrário
Secretaria de
Agricultura Familiar
Secretaria de
Desenvolvimento Territorial



Seminário coloca

Foto: Jorge Verdi



Seminário contou com grande participação

Carrossel de experiê

O carrossel de experiências apresentou trabalhos exitosos desenvolvidos por agricultores/as de Tuparetama, Abreu e Lima, Ouricuri, Pombos e Bom Jardim, em Pernambuco, e na comunidade de Itapipoca, no Ceará. Os participantes do seminário puderam conhecer histórias como a de Ivan Monteiro, morador de Tuparetama. Atualmente, em uma área de 12 hectares, ele cultiva 35 variedades de frutas, 15 de hortaliças, além de produzir mel e polpa de frutas. "Eu trabalhava de forma errada com o solo. Queimava, usava agrotóxico e desmatava. Com a agricultura agroflorestal as condições de vida da minha família melhoraram muito. Quem produz agroecológicos, produz saúde", afirma o agricultor que é assessorado pela Diaconia.

Com o apoio e acompanhamento de organizações como o Centro Sabiá, Diaconia, Caatinga, FASE e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, homens e mulheres estão desenvolvendo tecnologias sociais para conviver com o Semi-Árido. Tratam-se de cisternas, banheiros redondos, barragens subterrâneas que asseguram o armazenamento de água e o saneamento para as famílias. Ivan, por exemplo, possui cisterna de placa, barragem subterrânea, caixa d'água e um sistema de energia solar no seu sítio. "Às vezes, a seca vem e nem dou fé. No campo, só precisamos de um empurrãozinho para produzir de forma agroecológica, preservando a natureza e o lugar onde a gente vive. Quando um vizinho pede ajuda para fazer algo igual, eu faço meu trabalho voluntário, ensinando", afirma.

Para melhorar o solo e garantir produção o ano inteiro, muitas

Refletindo sobre a agricultura agroflorestal

Mesa reúne agricultor(a) e pesquisadora para falar sobre segurança alimentar a partir do que as famílias já estão colocando em prática

As experiências dos carrosséis foram os principais elementos da mesa de debate "Agricultura Agroflorestal: Semeando Segurança Alimentar e Cidadania no Campo". Com uma mesa composta pela antropóloga e assessora da FASE Maria Emília Pacheco (RJ), pela agricultora agroflorestal Maria Joelma Pereira (PE) e pelo jovem agricultor Josivan Lima (PE), foram abordados assuntos como políticas públicas, linhas de crédito, avanços e desafios para a agricultura agroflorestal.

Josivan Lima avaliou que os agricultores estão começando a reconhecer a agrofloresta como uma boa alternativa para o cultivo da terra. "Em todas as apresentações, as pessoas disseram que eram chamadas de loucas, quando iniciavam a agricultura agroflorestal, mas conseguiram superar e dar continuidade ao seu trabalho. Uma prova disso é que estão conseguindo uma melhor qualidade de vida e, hoje, os jovens já pensam diferente", afirmou. O pensamento do jovem agricultor é compartilhado por Maria Joelma. "Este trabalho do Centro Sabiá mostra que é possível sobreviver e viver bem na nossa comunidade", destacou.

em debate segurança alimentar

A agroecologia, na prática da agricultura agroflorestal, serviu de base para as discussões

Reunindo agricultores/as, pesquisadores/as, representantes da sociedade civil e do poder público, o seminário "Agricultura agroflorestal: semeando segurança alimentar e cidadania no campo" possibilitou uma intensa troca de experiências solidárias e de saberes entre os participantes. O evento aconteceu no dia 09 de julho, no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Recife, e fez parte das atividades de aniversário do Centro Sabiá.

O seminário colocou em debate a segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras, a partir das práticas agroecológicas, mais especificamente da agricultura agroflorestal. Para enriquecer o debate, várias experiências de agricultores e agricultoras foram

apresentadas durante o carrossel de experiências. Uma feira de saberes e sabores mostrou a diversidade de produtos vindos da agricultura familiar agroecológica. "Achei muito interessante o espaço da feira. Ela contribuiu para um maior entrosamento entre as famílias agricultoras e as pessoas aqui presentes. Além disso, mostrou a diversidade de produtos que as famílias têm em seus sítios", observa Judson de Sá, da instituição Caatinga.

Para o agricultor agroflorestal Josivan Lima, a agricultura agroflorestal traz uma outra perspectiva de vida no campo. "É uma agricultura que contribui com a preservação do meio ambiente, com a segurança alimentar das famílias, além de gerar renda", afirma.

ncias movimentou participantes

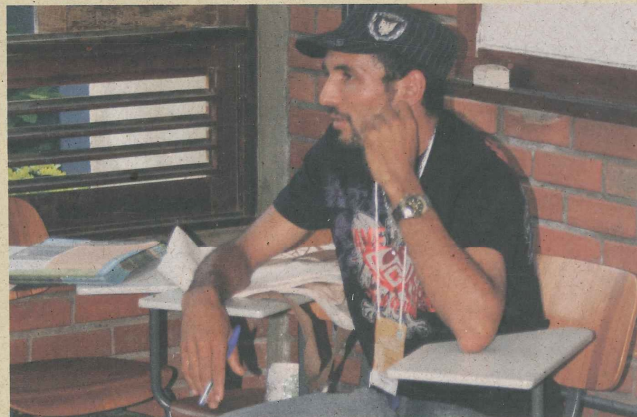
Fotos: Jorge Verdi



Casal Tereza e Cláudio apresentam experiência sobre agrofloresta

famílias apostam na agricultura agroflorestal, como a de dona Tereza Ferreira e seu Cláudio Oliveira, de Bom Jardim, Agreste de Pernambuco. "A nossa terra é pequena, mas tem uma boa produção, temos uma alimentação saudável o ano todo e geração de renda também", afirma dona Tereza, que apresentou o trabalho que realiza no seu sítio durante o carrossel de experiências.

Quem participou do carrossel saiu animado com o que assistiu. "Achei muito bom, porque a gente já faz um trabalho com a



Ivan apresentou sua experiência de convivência com o Semi-Árido

agroecologia é quando vê outras pessoas também fazendo e dando certo, deixa a gente mais animada", afirma Mauricéia, agricultora de Bom Jardim (PE).

O fechamento do carrossel se deu com a mesa de debate "Agricultura Agroflorestal: Semeando Segurança Alimentar e Cidadania no Campo", da qual participaram a antropóloga Maria Emília Pacheco (RJ), a agricultora agroflorestal Maria Joelma Pereira (PE) e o jovem agricultor Josivan Lima (PE).

Fotos: Jorge Verdi



Agricultora Joelma, ao microfone, participou da mesa

Para a antropóloga Maria Emília, cada experiência trouxe lições e indicações que possibilitam o diálogo com várias políticas públicas. "A apresentação do crédito agrícola e solidário é uma verdadeira pedagogia política que permite questionar os limites do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). A democratização do acesso para as mulheres, permitindo que ascendam a condição de cidadã, e a diversificação da produção, através do beneficiamento dos alimentos são lições para o Estado e para outras regiões também", avaliou Maria Emília.

Uma poesia de presente

15 Anos do Sabiá

O Sabiá faz 15 anos
Viemos comemorar
Mas é muito importante
Que todos possam lembrar
Que os primeiros passos
Foram difíceis de dar

Na região do Agreste
Começou em Bom Jardim
Implantando experiências
De agrofloresta, isso sim
E os resultados vieram
E nunca mais terão fim

Lembremos agora dos frutos
Das primeiras agroflorestas
Plantados por várias famílias
Que sempre faziam festas
Elas sempre bem animadas
Que mais pareciam orquestras

Os frutos foram crescendo
As agroflorestas aumentando
As famílias se envolvendo
E o trabalho ampliando
Mais famílias produzindo
E sua vida melhorando

Com essa ampliação
Começou outro município
Fazer agroflorestas
Digamos, sem sacrifício
Pois partilhar o aprendizado
Passou a ser um princípio

Em Cumaru hoje tem
Famílias desenvolvendo
Práticas agroflorestais
Aos poucos fortalecendo
Aumentando a produção
E os frutos amadurecendo

São homens, jovens, mulheres
Que passaram a trabalhar
E com sua produção
A mostração melhorou
E demonstrar que a agrofloresta
A renda tende a aumentar

Adeildo Fernandes
(Articulador regional do Sabiá)

Agrofloresta e educação alimentar

Maria Emília Pacheco é antropóloga e faz parte da FASE/ Nacional. Ela compôs a mesa que fez uma síntese sobre as práticas agroecológicas apresentadas durante o Carrossel de Experiências. Nesta entrevista ela fala sobre a importância do trabalho do Sabiá para a educação alimentar das famílias agricultoras.

Foto: Jorge Verdi



DDP – Qual o balanço das experiências nos carrosséis?

Maria Emília – As ações revelam que o Centro Sabiá faz um trabalho que combina a difusão das práticas agroflorestais com a educação alimentar, no sentido mais completo da segurança alimentar. As Feiras, por exemplo, são espaços de valorização da iniciativa agroecológica, sensibilizando quem consome e quem produz. Afinal, propõe uma mudança de práticas e hábitos alimentares, os quais vão contra a tendência homogeneizante. Por isso, é preciso que os governos garantam os espaços das Feiras e criem ações que dialoguem com a política ambiental. Ainda é um desafio a multiplicação de propostas agroflorestais. Também é difícil acessar as linhas de crédito. Mas, se temos a adesão da sociedade conseguiremos fazer entender que é preciso protestar contra os transgênicos e a lei de mudas e sementes, a qual contribui com a erosão, além de ir contra a autonomia dos agricultores.

DDP – É possível dizer que o investimento em políticas rurais sustentáveis pode reduzir bastante o êxodo rural?

Maria Emília – É preciso democratizar os espaços. Quanto maiores forem as condições de uma vida digna no campo, é provável que haja uma redução do êxodo rural. Viver na cidade já não é sinônimo de viver bem. Sem falar que estamos tratando do direito das pessoas ficarem onde estão. O deslocamento para os centros urbanos, por falta de condições dignas, é uma forma de violência. É preciso que sejam criadas políticas públicas, possibilitando o investimento permanente. Não adianta investir por dois ou três anos. É preciso que os programas se transformem em grandes políticas.

DDP – Grande parte dos agricultores e agricultoras relata ter sido denominados de “loucos” ao adotarem as práticas agroflorestais. Como interpretar tal reação vinda de vizinhos e até familiares?

Maria Emília – Isso acontece em várias regiões do Brasil. O motivo dessa adjetivação está associado ao risco, ao temor dos outros agricultores em experimentar o novo. Eles se opõem ao que não é convencional ou dominante, como o uso da observação e análise das plantas, ao invés dos agrotóxicos, por exemplo. Mas esta é uma primeira reação. Depois, os vizinhos passam a adotar a prática agroecológica. Há uma transição.

Satisfação e alegrias com a agrofloresta

Coordenador Geral do Centro Sabiá, José Aldo dos Santos, fala sobre o trabalho do Sabiá e o Seminário

Sobre o aniversário:

“Esses 15 anos para o Centro Sabiá significaram um marco histórico para a instituição e muito mais para as famílias agricultoras, que assumiram essa dimensão da agroecologia. No início eles serviam de chacota para outros agricultores de suas comunidades. Isso foi muito difícil e é por isso que eu acho que esses agricultores/as é que tiveram coragem. O Sabiá não faz agrofloresta, ele assessora apenas. Se as famílias não tivessem topado, não teríamos esse trabalho. Vimos aqui expressões sinceras de pessoas, depoimentos de reconhecimento do nosso trabalho. Foi vibrante! Isso nos coloca uma responsabilidade ainda maior.”

Parceira Heifer participa do seminário

União de atividades possibilitou troca de experiências e aprendizados

Foto: Jorge Verdi



Fernando Larrera (de camisa azul clara) e comitiva da Heifer

Entre os dias 07 e 11 de julho, no Recife, a organização Heifer realizou o Seminário Internacional de Soberania e Segurança Alimentar. A comitiva internacional aproveitou para trocar experiências com as famílias agricultoras presentes ao seminário realizado pelo Centro Sabiá, no dia 09 de julho, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nesta entrevista, o coordenador do programa Brasil-Argentina da Heifer, Fernando Larrera, avaliou a participação no seminário.

Dois Dedos de Prosa – Qual a sua avaliação em relação ao seminário realizado pelo Centro Sabiá?

Fernando Larrera: Foi muito interessante a possibilidade de juntar a nossa atividade a comemoração de aniversário do Centro Sabiá. Temos a oportunidade de compartilhar esse momento importante e ter uma conexão temática com a questão da soberania alimentar. Esse espaço serviu para conhecermos diferentes experiências que são muito ricas, como o protagonismo dos/as agricultores/as e os seus processos de produção agroecológica.

DDP – Que importância teve essa experiência?

FL: A troca ajuda em termos de repassar conhecimento. Sempre se aprende com essas experiências que contribuem com muitos elementos para nossas discussões sobre soberania alimentar. É uma experiência interessante e que mostra que a gente não está sozinho. Estamos em rede numa mesma caminhada.

DDP – E em relação aos carrosséis de experiências?

FL: Essas experiências levantam uma discussão sobre os Sistemas Agroflorestais (SAFs). São muito importantes para o processo de formação de jovens, para discutir a agroecologia como outro modelo de produção que se contrapõem ao modelo vigente que desvaloriza o camponês. Conhecemos experiências em que é possível alcançar um modelo onde os camponeses são sujeitos principais de seu trabalho, produzindo uma alimentação saudável para os próprios agricultores/as, assim como também para a população urbana.

O que chamou atenção:

“Do início para cá, o Sabiá é reconhecido por fazer agricultura agroflorestal. Mas sinto um papel político forte no Sabiá, que é o de ser mobilizador, articulador. Isso marcou pela participação das pessoas, da mesa do seminário composta por mulheres, agricultores jovens. Coloca o desafio de como fazer isso agora, no cotidiano, como é que o Sabiá olha para esse momento. O que a gente vai pensar do ponto de vista político.”

Sobre os Desafios

“Como vamos ampliar o nosso leque de assessoria com os movimentos sociais. O desafio maior é o de tirar da invisibilidade grupos que ainda não têm oportunidade de se mostrar. É importante que os grupos mais estruturados possam enxergar os menores como expressões fortes também. O Sabiá tem um papel de contribuir com isso.”

Avaliação da participação dos agricultores:

“A participação foi de uma grande sabedoria, expressa do seu jeito, na sua fala. Eles/as foram os atores principais do seminário. Meu sentimento é que estavam à vontade. Na feira estavam numa felicidade enorme. Foi muito rica a troca. O carrossel também foi muito rico e marcante. As famílias se envolveram completamente no processo.”